

Recuperação do País é possível

APOIADOS EM DADOS CONCRETOS, EMPRESÁRIOS ACREDITAM QUE FALTA POUCO PARA A ECONOMIA DESLANCHAR DE VERDADE.

O ambiente econômico está melhorando

O fato	A explicação
1. Bolsa sobe 30% reais	Além de liquidez alta, a Bolsa antecipa lucro das empresas e recuperação econômica
2. Situação cambial excelente	Reservas de quase US\$ 31 bilhões evitam os riscos numa retomada
3. Entram US\$ 27 bi de fora até novembro/93	Juros altos, aumento da confiança e possibilidade de ganho rápido atraem o capital estrangeiro
4. Empresas recomeçam a investir	Muitas empresas venceram a crise e apostam no mercado
5. Lucros voltam mais depressa	O crescimento da economia em 93 acelerou os resultados e as empresas estão mais capitalizadas
6. Aprovação (parcial) do ajuste fiscal	Prepara acordo com FMI e conclusão do acordo sobre dívida externa com bancos
7. CVM cria fundos imobiliários, propõe mercado de acesso e aposta na previdência	Haverá mais recursos para construção de imóveis, gerando renda e emprego, mais empresas negociadas em Bolsa e maior mercado
8. Plano FHC2 prepara queda da inflação	Consumo a crédito (via CDC, cartões) pode aumentar rapidamente
9. Baixo endividamento	Inflação baixa e juro nominal menor provocam forte expansão do CDC e crédito às empresas

Fonte: Pesquisa JT.

Mudanças estruturais necessárias à retomada

1. Queda (consistente) da inflação	4. Maior inserção no comércio internacional, alavancando exportações e importações
2. Reforma constitucional atraindo o investimento estrangeiro	5. Continuidade da estabilidade política.
3. Enfraquecimento de políticas xenófobas que defendem moratória interna ou externa (ruptura de contratos)	

Fonte: Igor Cornelsen, do West Merchant Bank.

Empresas que se antecipam à retomada (*)

(em US\$ milhões)

As companhias abertas que mais aumentaram sua capitalização entre 92 e 93

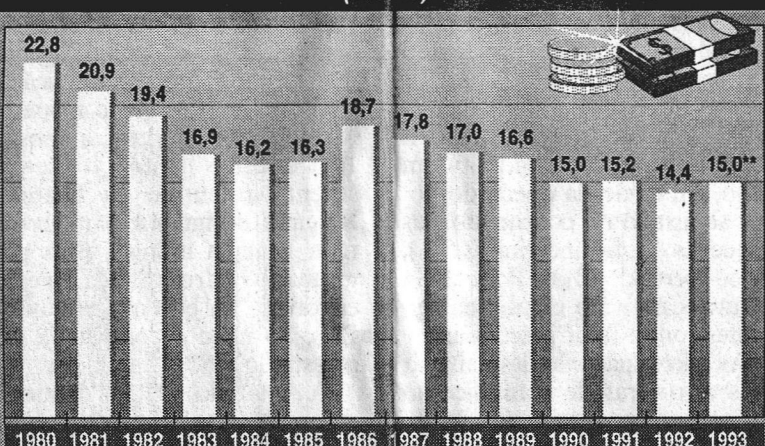
Empresa	30/6/92	30/6/93	Crescimento
lochpe-Maxion	90.908	194.304	113,74%
Francisco Stedile	41.397	65.145	57,37%
Oxiteno	240.325	375.649	56,31%
Refripar	73.038	109.099	49,37%
Omniex	27.875	38.754	39,03%
CPFL	1.079.782	1.387.819	28,53%
Caloi	41.790	53.409	27,80%
Paraibuna	148.931	187.136	25,65%
Lojas Americanas	189.951	233.966	23,17%
Brasilit	96.804	118.508	22,42%

As companhias abertas que mais investiram em capital fixo (máquinas, etc.)

Empresa	30/6/92	30/6/93	Crescimento
Oxiteno	67.522	209.548	210,34%
Samitri	77.426	136.344	76,09%
Ferro Ligas	77.341	127.553	64,92%
Frigobrás	60.409	98.841	63,62%
Alpargatas	116.551	177.722	52,48%
Aços Villares	106.508	158.575	48,89%
Antártica Ne	68.253	98.192	43,87%
Barbará	41.506	48.095	15,87%
lochpe-Maxion	54.322	62.489	14,60%
Perdigão Agro	249.809	286.292	13,47%

(*) Fonte: Conjuntura Econômica (FGV), janeiro/94.

Investimentos ainda são baixos (*)



(*) Percentual do PIB investido em máquinas, equipamentos, prédios.

(**) Estimado

Fonte: Instituto de Economia do Setor Público (Iesp).

FÁBIO PAHIM JR.

A conjuntura melhorou e o Brasil tenta antecipar, a médio prazo, o relançamento da sua economia — ou seja, os empresários indagam se o País está ou não às vésperas de um ciclo de crescimento sustentado. “Se o Plano FHC2 funcionar, eliminando a correção monetária mensal e criando preços estáveis, o mercado vai crescer muitíssimo mais”, afirma o vice-presidente da General Motors, André Beer, depois de um ano de crescimento recorde da indústria automobilística e de um avanço de 4,5% no Produto Interno Bruto em 1993.

“Há três anos nós assumimos a hipótese de que o Brasil retomará um ciclo de recuperação”, diz Beer. Segundo o diretor geral da Itaúsa, José Carlos Moraes Abreu, “com queda da inflação a resposta pode ser rápida, e há, na maior parte do setor empresarial, condições para isso, mobilizando-se capitais ociosos e adicionando o talento brasileiro”. A GM está investindo US\$ 1,1 bilhão em cinco anos e a Itaúsa, empresa holding do Banco Itaú, pelo menos repetirá em 1994 os investimentos de 1993. “O Brasil tem exemplos importantes de agilidade, como sua transformação num dos maiores produtores de soja do mundo no curto período de cinco anos”, enfatiza Moraes Abreu.

Dados concretos suportam a hipótese de que uma retomada é possível. São eles a estabilidade cambial, a melhoria das empresas, a reconstituição da poupança financeira de US\$ 120 bilhões sequestrada no Plano Collor e o baixo endividamento das empresas e das famílias. Reservas internacionais próximas de US\$ 31 bilhões, um nível recorde, dão segurança ao processo. E o fortalecimento das bolsas — que antecipam tendências — é visto como

auspicioso, embora a alta nesse mercado também decorra do excesso de dinheiro na economia. As expectativas têm como prato de resistência o ajuste fiscal — portanto, enfraquecem um pouco com a resistência do Congresso a FHC. O ajuste prepara o caminho da nova moeda e contribui para melhorar o ambiente econômico. Em resumo, é a possibilidade de uma forte queda da inflação que estimula as empresas. Só assim elas decidirão retomar os investimentos (ver quadro ao lado). Os investimentos declinam desde os anos 70 e são a base de uma recuperação estável.

Conversando diariamente com grandes empresas, o sócio da Rosenberg & Associados, José Augusto Arantes Savasini, afirma que

“se a inflação cair para um dígito, o Brasil poderá ter uma retomada rápida, pois o cenário internacional é favorável e até agora, pela primeira vez na história, não atrelamos nossa economia a esse cenário”.

Segundo Savasini, “nunca o setor externo esteve tão bem, e só falta acertar o setor público”.

A perspectiva de reforma constitucional, atraindo o capital estrangeiro, anima o representante no Brasil do West Merchant Bank, Igor Cornelsen: “O que conta mais é o ambiente, a eliminação não artificial da inflação, o afastamento de políticos xenófobos, maior inserção no comércio mundial e estabilidade política, nesta ordem”.

O deputado federal Delfim Netto (PPR-SP) também vê o Brasil menos mal do que parece. Ele destaca o novo papel atribuído pela Constituição ao Supremo Tribunal Federal, “que diz o que é a lei”, e a capacidade de adaptação do setor privado, “que se ajustou apesar das absurdas taxas de inflação e do nível escandaloso das taxas de juros reais”.



Delfim: menos mal.